



A Santa Sé

SANTA MISSA PARA OS PEREGRINOS DE PIACENZA (ITÁLIA)

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

*Gruta de Lourdes nos Jardins Vaticanos
Segunda-feira, 2 de Julho de 1979*

Caríssimos

1. O nosso encontro matutino neste lugar tão sugestivo que nos leva, pela mente e pelo coração, até à gruta de Lourdes, lugar predilecto e bendito, onde Maria Santíssima apareceu à pequena Bernadette, tem um significado bem preciso: é um encontro familiar junto do altar do Senhor e sob os olhos da Virgem Maria, com o Secretário de Estado, o neo-Cardeal Agostino Casaroli, meu primeiro colaborador, com o Bispo e uma representação dos Sacerdotes da sua Diocese natal, Piacenza, e com os seus parentes e amigos.

Este é para mim um momento de particular alegria, o qual me oferece ocasião para manifestar os meus sentimentos de afecto e vivo apreço por aquele que, após longos anos de generosa dedicação, passados num serviço total e directo à Santa Sé e ao Papa, é agora investido da importante e grave responsabilidade de Secretário de Estado.

Sinto o dever de agradecer vivamente ao Cardeal Casaroli a solicitude e sabedoria com que se prodigaliza para o bem da Igreja, e o ter aceite este Cargo tão alto e tão importante; e convido todos a acompanhá-lo com uma constante e fervorosa mação, a fim de que o Senhor lhe seja sempre luz, auxílio e conforto.

Congratulo-me também com toda a diocese de Piacenza, que, pela séria e afectuosa formação ministrada nos seus seminários, soube dar tantos Sacerdotes e eminentes Personalidades ao serviço da Igreja. Posso apenas do coração desejar sempre maior número de vocações sacerdotais na vossa diocese, para as necessidades locais e da Igreja universal.

Dirijo uma saudação particularmente cordial aos Familiares do Cardeal Casaroli, assegurando-lhes que participo intensamente na sua sincera alegria destes dias, tão significativos e importantes.

2. Tomando, agora, o tema da Palavra de Deus, que foi lida na liturgia de hoje, tentemos descobrir nela algumas boas directrizes para a nossa vida.

Aparece, sobretudo, diante dos nossos olhos, a cena plasticamente descrita pelo evangelista João: estamos no monte Calvário, há uma cruz, e, pregado nela, Jesus; e, ali ao lado, está a Mãe de Jesus, rodeada por algumas mulheres; está ainda o discípulo predilecto, precisamente João. O Moribundo fala apesar da respiração difícil da agonia: "Mulher, eis aí o teu filho!". E, depois, voltado para o discípulo: "Eis aí a tua mãe!". A intenção é evidente: Jesus quer entregar a mãe aos cuidados do discípulo amado.

Somente isto? Os antigos Padres da Igreja entreviram, por detrás do episódio, aparentemente tão simples, um significado teológico mais profundo. Já Orígenes identifica o apóstolo João com todo o cristão, e, depois dele, tornou-se cada vez mais comum a referência a este texto para justificar a maternidade universal de Maria.

E uma convicção que tem concreto fundamento no dado da revelação: como não pensar, de facto, ao ler esta passagem, naquelas palavras misteriosas de Jesus durante as bodas de Caná (Cfr. *Jo* 2, 4), quando, ao pedido de Maria, Ele responde chamando-lhe "mulher" — como agora e reenviando o início da sua colaboração com Ela, em favor dos homens, para o momento da Paixão, a sua "hora" precisamente, como é costume indicá-la (Cfr. *Jo* 7, 30; 8, 20; 12, 27; 13, 1; *Mc* 14, 35.41; *Mt* 26, 45; *Lc* 22, 53).

Maria é plenamente conhecedora da missão que lhe foi destinada: encontramos-la nos começos da vida da Igreja, juntamente com os discípulos que se estão preparando para o iminente acontecimento do Pentecostes; como nos recorda a primeira leitura da Missa. Em tal narrativa de Lucas, o seu nome sobressai das outras mulheres: a comunidade primitiva, reunida "no plano superior", une-se em oração à volta d'Ela, que é a "mãe de Jesus", como que a procurar protecção e conforto, diante das incógnitas de um futuro carregado de sombras ameaçadoras.

3. O exemplo da comunidade cristã dos inícios é paradigmático: também nós, nas vicissitudes, embora diversas, do nosso tempo, nada podemos fazer melhor do que recolher-nos à volta de Maria, reconhecendo n'Ela a Mãe de Cristo, do Cristo total, isto é, de Jesus e da Igreja, nossa Mãe. E d'Ela aprender. O quê?

A *crer*, antes de mais. Maria foi dita "bem-aventurada", porque soube acreditar (Cfr. *Lc* 1, 45). A sua fé foi a maior que um ser humano jamais teve; maior que a própria fé de Abraão. O "Santo", de facto, que nascera d'Ela, "crescendo, afastava-se, passava ao de cima, e, diferenciado, vivia a

uma distância infinita d'Ela; tê-lo gerado e nutrido e visto no seu abandono; não se impressionar diante da sua majestade, mas também não hesitar no seu amor quando a sua protecção materna se encontrou superada, e de tudo isto acreditar que assim era justo e deste modo se cumpria a vontade de Deus; não se cansar jamais, não se deixar vencer pelo tédio, ao contrário permanecer firme e percorrer juntos passo a passo, pela força da fé, o caminho que a pessoa do Filho, no seu carácter misterioso, prossegue eis a sua grandeza" (R. Guardini, *Il Signore*, Milão 1964, pp. 28-29).

E eis também a primeira lição que nos oferece.

Épois, a lição da oração: uma oração "assídua e concorde" (Cfr. *Act 1*, 14).

Com frequência, nas nossas comunidades, recolhemo-nos para discutir, para avaliar situações, para elaborar programas. Pode ser também um tempo bem empregado. É necessário, porém, repetir que o tempo mais útil, aquele que dá sentido e eficácia às discussões e aos projectos, é o tempo dedicado à oração. Nela, de facto, a alma dispõe-se a acolher o "Consolador", que Cristo prometeu enviar (Cfr. *Jo 15*, 26) e ao qual confiou a tarefa de "guiar-nos para a verdade total" (Cfr. *Jo 16*, 13).

Ainda uma coisa Maria nos ensina com o seu exemplo: diz-nos que é necessário permanecer em comunhão com a comunidade hierarquicamente estruturada. Entre as pessoas reunidas no Cenáculo de Jerusalém, São Lucas recorda, em primeiro lugar, os onze Apóstolos, de cujos nomes faz o elenco, embora já tivesse reproduzido a lista nas páginas do seu Evangelho (Cfr. *Lc 6*, 14 ss.). Há, em tudo isto, uma "intenção" evidente. Se, antes da Páscoa da Ressurreição, os Apóstolos constituíam o séquito particular de Jesus, agora aparecem já como homens aos quais o Ressuscitado entregou os plenos poderes e uma missão: são eles, portanto, os responsáveis pela obra de salvação que a Igreja deve realizar no mundo.

Maria está com eles; sob um certo aspecto, está-lhes até subordinada. A comunidade cristã constrói-se "sobre o fundamento dos Apóstolos". É esta a vontade de Cristo. Maria, a Mãe, aceitou-a jubilosamente. Também, sob este aspecto, Ela se tornou para nós modelo exemplar.

Agora, continuemos a celebração da Missa. Revive misticamente, nesta nossa assembleia litúrgica, a experiência do Cenáculo. Maria está connosco. Invocamo-la e confiamo-nos a Ela. Que nos socorra com a sua ajuda, neste propósito, aqui renovado, de querer generosamente imitá-l'A.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana